

**A leitura sensível de um tempo em mudança:
crônicas da modernidade na Fortaleza das décadas iniciais do século XX**

José de Arimatéa Vitoriano de Oliveira *

Resumo: Partindo do pressuposto que a cidade consiste em um lugar no tempo como também um tempo no espaço, buscamos perceber a fixação de uma memória e o estabelecimento de um imaginário, fomentados ambos pela modernidade que se impunha na cidade de Fortaleza no início do século passado, a partir dos relatos fornecidos pelas crônicas escritas sobre a cidade, para assim termos uma leitura sensível de um tempo em mudança.

Palavras-chave: cidade de Fortaleza, memória e imaginário, modernidade.

Résumé: En partant du présupposition que la ville consiste à une place dans le temps comme aussi un temps dans l'espace, nous cherchons percevoir la fixation d'une mémoire et l'établissement d'un imaginaire, fomentés les deux par la modernité qui s'imposait dans la ville de Fortaleza dans le début du siècle dernier, à partir des récits fournis par les chroniques écrites sur la ville, pour ainsi avoir une lecture sensible d'un temps dans changement

Mots-clés: ville de Fortaleza, mémoire et imaginaire, modernité

Em se tratando das cidades, a fixação da memória e o estabelecimento do imaginário a elas relacionados, imbricam-se ao transcorrer do tempo e às mudanças produzidas no espaço. Nesse caso, tendo a cidade de Fortaleza nas décadas iniciais do século XX como nosso foco, podemos considerar que a cidade “é sempre um lugar no tempo, na medida em que é um espaço com reconhecimento e significação estabelecidos na temporalidade; ela é também um momento no espaço, pois expõe um tempo materializado em uma superfície dada”. (PESAVENTO, 2007: 15)

Sendo a cidade um lugar no tempo, como também um momento no espaço, “esse tempo contado se dá sempre a partir de um espaço construído, e não é possível pensar um sem o outro. Quando se trata de *representificar* a memória – ou a história – de uma cidade, a experiência do tempo é indissociável da sua representação no espaço”. (PESAVENTO, 2007: 15-16)

Para que a memória acerca de uma determinada cidade em uma dada época seja fixada, se fazem necessárias, além do transcorrer do tempo, mudanças no espaço, pois só assim se pode perceber e considerar que o “hoje” na cidade é outro, mudado quando

* Mestrando em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

comparado ao “ontem”. Observamos que estas comparações entre o presente e o passado de uma cidade carregam consigo tanto referências à experiência no tempo como à representação no espaço, espaço e tempo estes especificados no presente texto como a capital cearense no início do século passado, período por qual Fortaleza passava por intensas mudanças em sua fisionomia, que por extensão, refletiam em intensas mudanças no estabelecimento do imaginário dos cidadãos.

Antes, porém, de chegarmos a Fortaleza, façamos uma escala em outra cidade. Italo Calvino, referindo-se a uma de suas *ciudades invisíveis*, dá voz ao viajante veneziano Marco Polo, quando este observa que “Zora tem a propriedade de permanecer na memória ponto por ponto, na sucessão das ruas e das casas ao longo das ruas e das portas e janelas das casas”. (CALVINO, 2007: 19) E Zora permanece assim na memória, mesmo a cidade não demonstrando particular beleza ou raridade.

Todavia, sem ser bela ou rara, qual o segredo para Zora permanecer na memória? Desvela-se logo a questão, pois “o seu segredo é o modo pelo qual o olhar percorre as figuras que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota”. (CALVINO, 2007: 19) Eis aí a forma encontrada por esta cidade para permanecer, ponto por ponto, na memória: Zora compunha-se numa sinfonia cuja execução seria sempre imutável, onde nenhuma nota sequer estaria deslocada.

Mas a memória que fixa e se fixa, assim se faz a partir da não fixidez do espaço no tempo e do tempo no espaço. Retornando a Calvino, este constata que “obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, Zora definiu, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo”. (CALVINO, 2007: 20) A memória que permanece e não se esquece é aquela que, por um paradoxo apenas aparente, move-se e muda. Temos, portanto, que “sua mobilização é indissociável de *uma alteração*. Mais ainda, a sua força de intervenção, a memória a obtém de sua própria capacidade de ser alterada – deslocável, móvel, sem lugar fixo”. (CERTEAU, 1999: 162)

Para Michel de Certeau, “longe de ser o relicário ou a lata de lixo do passado, a memória vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita”. (CERTEAU, 1999: 163) Consideramos que as possibilidades, os “possíveis”, eram diversos no ambiente formado pela cidade de Fortaleza que passava por consideráveis transformações ocorridas entre o final do século XIX e o início do século XX, período em que houve um intenso processo de mudanças, que produziu transformações nos contextos econômico, social, político e cultural. Essas mudanças, em suma, respondiam por uma denominação: modernidade.

A modernidade preconizava em si a constituição de um imaginário próprio, visto que ela interferia sobremaneira nas antigas noções de tempo e espaço, além da caracterização de uma nova ordem, um novo regime, que se constituía pelo signo da ruptura.¹ E é essa ruptura que fomenta, na memória, sua crença nas possibilidades. E tais possibilidades compunham as bases que sustentavam, na Fortaleza do início do século XX, um novo imaginário, possível e desejável por muitos.

Devemos ter em conta que a modernidade traria consigo, em seu cerne, como algo determinante a sua própria existência, a percepção por parte de seus defensores de uma ruptura com o passado, pois “os modernos têm a particularidade de compreender o tempo que passa como se ele realmente abolisse o passado antes dele”. (LATOURE, 1994: 67-68) O passar inexorável do tempo seria uma confirmação, comparando-se o presente com o passado, que ambas as temporalidades são distintas e que não poderiam coexistir, sob pena desse tempo não ser considerado plenamente moderno.

Mas para os modernos o simples passar do tempo não implica necessária e forçosamente numa ruptura com o passado. Ao se comparar este com o presente, se faz necessário perceber que a modernidade “não é mais pura mudança, sucessão de acontecimentos; ela é difusão dos produtos da atividade racional, científica, tecnológica, administrativa”. (TOURAINÉ, 1999: 17) Através destes produtos, que passam a ser largamente aplicados em Fortaleza, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, tem-se a percepção, por parte dos modernos, de que realmente se processavam mudanças e rupturas que vinham para abolir o passado tradicional e provinciano.

Para Anthony Giddens, “os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes”.² Sendo assim, estaríamos diante da constituição e construção de uma nova identidade urbana em Fortaleza, moderna e que havia rompido com uma identidade anterior, tradicional. Considerando-se que “a identidade é uma construção imaginária que se apóia sobre os dados concretos do real e os representa por imagens e discursos onde se realiza uma atribuição de sentido”, (PESAVENTO, 1995: 115-116) a cidade de Fortaleza, inserida em um processo de mudanças, onde a modernidade se fazia sentir através da difusão de seus

¹ Bruno Latour observa que “através do adjetivo moderno, assinalamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo. Quando as palavras “moderno”, “modernização” e “modernidade” aparecem, definimos, por contraste, um passado arcaico e estável”. (LATOURE, 1994: 15).

² Contudo, Giddens observa também que “existem, obviamente, continuidades entre o tradicional e o moderno, mas as mudanças ocorridas durante os últimos três ou quatro séculos foram dramáticas e abrangentes em seus impactos”. Cf. GIDDENS, 1991: 14.

produtos, seria o palco onde as inovações modernas introduzidas no cotidiano da cidade teriam forte impacto nesta construção imaginária que é a identidade.

Consideramos que “as identidades urbanas têm uma temporalidade de construção, que articulam uma coerência própria, perceptível numa determinada época”. (PESAVENTO, 1995: 118-119) Desta forma, para depreendemos as identidades urbanas que se constituíam na Fortaleza do início do século XX, lançamos mão de relatos que, inseridos no contexto de mudanças do período, nos fornecem um panorama que pode captar o “espírito da época”. Por isso recorreremos aos discursos literários, em especial às crônicas escritas sobre a capital cearense no período em análise, visto que:

A crônica é uma narrativa por excelência apropriada para o estudo do imaginário de uma época, entendendo nesta designação não só o sistema de idéias e imagens que toda comunidade constrói para si, mas, também, um conjunto de significados de que esta representação coletiva é portadora. (PESAVENTO, 1997: 34)

Ainda conforme Pesavento, o imaginário:

É esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem elas em obras exequíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não realizaram, mas que um dia foram concebidas. (PESAVENTO, 2007: 11-12)

Ao recorrermos a uma crônica escrita em 1900, percebemos algumas das mudanças advindas em Fortaleza:

Também era ainda muito pequena e atrasada esta Capital. Ainda não tinha Passeio Publico, praças arborizadas, templos magestosos, edificios elegantes, tantas e tão grandes ruas alinhadas, calçamento, iluminação á gaz, linhas de bondes, carros de aluguel, hotéis, kiosques, clubs, prado, corridas de touros, a cavallo e á bicycletta, kermesses, bazar, e mais novidades, umas uteis, outras inuteis, e muitas prejudiciaes á saúde, á algibeira, e mesmo aos costumes; porque a civilização assim como traz em seu largo bojo muitos beneficios, tambem traz muita mascara de hypocrita; e a hypocrisia é com certeza perigosissima, pois de todos os vicios é o que mais se confunde com a virtude, e que por isto mesmo mais illude os incautos e bem intencionados. (NOGUEIRA, 1900: 142-145)

Elencando diversos benefícios introduzidos na cidade desde sua infância, o cronista informa-nos que na sua meninice a cidade de Fortaleza “ainda não tinha” tais benefícios. Portanto, se a cidade ainda não os tinha era por que a civilização e a modernidade ainda não haviam chegado. Sendo assim, Fortaleza ainda poderia ser considerada muito pequena e atrasada, ainda sem mudanças substanciais em sua fisionomia.

Mais tais benefícios representavam apenas uma face da civilização. A outra face seria representada por um vício: a hipocrisia. O autor faz questão de mencionar que as novidades introduzidas pelo processo civilizatório por qual ele viu passar a cidade são de dois tipos: úteis e inúteis. Ou seja, a civilização e a modernidade trariam consigo, simultaneamente, a virtude e o vício, o benefício e o malefício, a utilidade, mas também a inutilidade de vários produtos.

Outro cronista, João Nogueira, em uma crônica publicada em 1938, observa que “a Fortaleza de 1861, comparada com a de hoje, era, pode dizer-se, um arremedo de cidade”. (NOGUEIRA, 1981: 30) Fica nítida nessa comparação, que enfoca a capital cearense em dois momentos separados entre si por 77 anos, que o progresso, trazido pela modernidade, se faria firmemente presente e que devido a ele, Fortaleza era uma capital que se mostrava meritória de ser tratada como uma cidade desenvolvida e não mais um mero arremedo de cidade.

A idéia de ruptura e conseqüentemente de modernidade se fazem presentes no relato de João Nogueira, contudo, o autor observa e ressalta aqueles que ainda não foram bafejados pelo sopro da modernidade: “que belo exemplo de amor à tradição não dão eles [os caboclos de *Porangaba*, que participavam da festa do divino] ao Ceará de hoje, que faz praça de esquecer o passado e de tudo renovar”. (NOGUEIRA, 1981: 103) Se “tudo se renova”, há, portanto, rupturas. Mas essas rupturas não conseguem extinguir a tradição, mesmo que ter amor à tradição, no relato do cronista, seja exceção e não regra.

O aspecto interessante a se ressaltar é que a cidade, que para alguns poderia ainda se mostrar ingênua e simples como uma criança, exalando simplicidade, é a mesma em que “dizem certos entusiastas que os desastres de rua estão na razão direta do progresso das cidades e que são o índice (ou termômetro) pelo qual se avalia o progredir de cada terra”. (NOGUEIRA, 1981: 166) Esse trecho é de uma crônica de 1936 do mesmo João Nogueira que destaca o fato de viver numa Fortaleza que não mais seria um arremedo de cidade. Porém, ele observa bem que o progresso não traz consigo somente vantagens, pois com o aumento do fluxo de veículos na cidade há, conseqüentemente, um aumento no número de acidentes.

Destilando toda sua ironia, o cronista faz uma apologia ao progresso: “quanto mais os nossos carros quebrarem pernas e matarem gente, tanto melhor, porque tais acidentes mostram que a Fortaleza tem vida, tem gente, movimento e progride”. (NOGUEIRA, 1981: 166) Eis o preço pago pelo progresso, que paradoxalmente ao gerar e evidenciar toda a vitalidade e movimento que existiam na cidade, assim o faria ao custo das valiosas vidas de seus habitantes.

Na contra mão dos relatos que evidenciam uma cidade progressista, apesar dos problemas advindos com esse progresso, diversas são as narrativas que se concentram em descrever os aspectos acanhados da Fortaleza entre o final do século XIX e o início do século XX. A relevância de tais relatos em forma de crônica para a compreensão das representações e do imaginário da cidade, consiste em sua excelência para o estudo do imaginário.

João Nogueira, outra vez aqui citado, é enfático ao caracterizar a Fortaleza do final do século XIX como uma “cidade absolutamente pacata”. (NOGUEIRA, 1981: 17) Ao referir-se numa crônica ao relógio da Sé, o autor considera que “primitivamente, era o regulador da cidade, espécie de coração da aldeia da pequenina e tranqüila Fortaleza de então”. (NOGUEIRA, 1981: 65) Noutra crônica os termos utilizados são “pequena e moderada”. (NOGUEIRA, 1981: 128) Mais ainda, o autor reporta-se “ao tempo em que Fortaleza era uma aldeia pobrezinha espalhada pelas areias do mar”. (NOGUEIRA, 1981: 158)

Nos relatos de João Nogueira, temos a narração de uma cidade que nos estertores do século XIX e no alvorecer do século XX era meritória de designações como pacata, pequenina, tranqüila e moderada, além de ser denominada e classificada como uma aldeia. Uma descrição dessas nos remete a uma realidade com hábitos muito provincianos, diríamos que mais para “aldeia” que “metrópole”, como vão sustentar alguns cronistas, pois conforme Nogueira “eram festivos e risonhos os enterros de *anjinhos* ao tempo em que a Fortaleza não tinha pretensões a Metrópole”. (NOGUEIRA, 1981: 85)

Nas palavras de Mozart Soriano Aderaldo temos uma “Fortaleza, de inflexíveis tradições, aquela cidadezinha de 1887 guardando, inconscientemente talvez, o antigo espírito medieval”. (ADERALDO, 1974: 105) O autor recorre, num aparente disparate, a uma comparação entre a Fortaleza da penúltima década do século XIX com o período medieval. Porém, logo a seguir surge a devida explicação, pois haveria “a constante na profissão, que passava de pai a filho, sucessivamente”. (ADERALDO, 1974: 106)

Às diversas descrições de cidade acanhada, juntamos aquelas que consideram Fortaleza como uma cidade provinciana, repleta de práticas que muitas vezes são lamentadas e combatidas pelos cronistas. João Nogueira critica essa faceta provinciana da capital cearense. Vemos isso quando de sua seguinte observação: “e outras coisinhas que, chegando a Fortaleza, viram grandes coisas, como ainda hoje acontece”. (NOGUEIRA, 1981: 25)

O cronista Aderaldo, ao tratar da inauguração do Cine Moderno, ocorrida em 1922, observa que este passou a ser “freqüentado pelas melhores famílias da terra, dando-se assim novo passo para a alteração de costumes arraigados nos habitantes da cidade, até então excessivamente caseiros”. (ADERALDO, 1974: 53)

O autor parece exultar as alterações ocorridas na cidade, exemplificado aqui na inauguração de um novo equipamento de diversão, que acabariam por modificar costumes que estavam arraigados nos habitantes de Fortaleza. Ao tratar do início do funcionamento das caixas postais, ocorrido em 1889, Aderaldo considera que tal serviço trouxe “grande melhoramento para a capital cearense, que, no alvorecer do Século XX, se esforçou por apresentar sinais de cidade adiantada”. (ADERALDO, 1974, p. 50)

Outros relatos que descrevem Fortaleza como uma cidade provinciana e atrasada podem ser auferidos, como em crônicas de Otacílio Colares. Numa delas, intitulada “A Fortaleza através das letras”, ao tratar da chegada ao Ceará do novo presidente da província, Manoel Inácio de Sampaio, ocorrida em 1813, o autor refere-se da seguinte forma:

Homem de vivência em centros então bem mais adiantados do Brasil, Sampaio, quando aqui aportou, o fez para encontrar um burgo mal desenvolvido, roncero em tudo – nos hábitos, nas tradições, no trato social e, sobretudo, no que concernia aos domínios da inteligência e da cultura. (COLARES, 1980: 67)

Noutra crônica, as memórias sobre a Fortaleza de antigamente trazem a constatação de que eram “bons tempos aqueles, em que a cidade-menina era íntima de todos nós, que lhe conhecíamos as virtudes e os defeitos, mais virtudes que defeitos, na alma cândida de um século em começo...”. (COLARES, 1980: 152)

Segundo Edigar de Alencar, Fortaleza não era apenas uma cidade pacata, provinciana e acanhada. Conforme o autor, a sociedade fortalezense era “bastante fechada e preconceituosa” (ALENCAR, 1980: 91), característica que se coaduna com uma cidade realmente provinciana e tacanha e não, como desejavam muitos, desenvolvida, com ares de metrópole. Noutra crônica, Alencar observa que “Fortaleza sempre fora uma sociedade preconceituosa, quase fechada. Esse preconceito era evidente até nos jardins públicos, onde as camadas da classe mais abastada podia misturar-se à da classe média, nunca, jamais, à massa”. (ALENCAR, 1980: 165-166)

Vale ressaltar, porém, que havia cronistas que consideravam Fortaleza como uma cidade grande, moderna e desenvolvida. Em suma, muitos viam ou queria ver, ao contrário das opiniões acima citadas, a capital cearense como uma verdadeira metrópole. Evidentemente uma metrópole com suas muitas especificidades.

Aos olhos de Marciano Lopes, “embora Fortaleza daquele tempo fosse uma encantadora província, se comparada à minha pequenina e inocente Beberibe, me parecia uma Metrópole”. (LOPES, 1989: 110) É interessante percebermos que mesmo considerando Fortaleza uma “província”, o cronista, ao compará-la com sua cidade de origem, ainda menor,

confere-lhe o *status* de metrópole. E prosseguindo nas comparações, o autor cita que sua chegada à capital cearense, proveniente de sua natal Beberibe, seria “algo como deixar Fortaleza, agora, e chegar à Nova York. Encantavam-me os prédios altos, as lojas bonitas e suas vitrinas, as ruas pavimentadas, os carros, o barulho ensurdecedor dos bondes”. (LOPES, 1989: 110)

A realidade vista e vivida por Marciano Lopes, portanto, mostrava-se deveras paradoxal, pois a mesma cidade que é descrita como uma “encantadora província”, também podia ser tida como uma “metrópole”, na qual as ruas movimentadas, os prédios altos, os carros e os bondes encantavam a seu novo habitante. Ao mesmo tempo “metrópole” e “província”, a Fortaleza de Lopes variava sua alcunha de acordo, tão somente, com a comparação com uma outra cidade, sendo esta maior (Nova York) ou menor (Beberibe).

Nesta mesma perspectiva levantada acima, Antônio Martins Filho, no prefácio de um livro sobre a Praça do Ferreira, também se refere ao movimento da cidade:

Conheci a Praça do Ferreira nos idos de 1918. (...) Esta, aliás, a primeira aventura de um garoto de quatorze anos, ávido em conhecer a cidade grande, ruas largas e movimentadas que conduziam a praças cheias de árvores, sobrados e edifícios de muitos pavimentos, de onde a gente chegava a ver o mar. (JOB, 1992: 5)

Tanto para Marciano Lopes como para Antônio Martins Filho, a Fortaleza daquela época merecia títulos enaltecidos como o de “metrópole” e de “cidade grande”, respectivamente. Como os dois são oriundos do interior do Estado, tais títulos decorrem das comparações entre a capital cearense, então já a maior e mais importante cidade (política, econômica e administrativamente) do Ceará, com as cidades natais de ambos. Mas se as comparações são feitas tendo como parâmetro metrópoles mundiais, como Nova York, por exemplo, o título passa a ser outro: “província”, como cita Lopes.

Um poema de José Maria Mendes sobre a cidade de Fortaleza, dá bem a medida dessa cidade que podia ser tanto metrópole quanto província:

Cidade algo moderna, algo provinciana, algo civilizada e algo mal educada. Em resumo, porém: cidade formosa, hospitaleira e gostosa. Movimento nas ruas, arranha-céus, casinhas pequeninas, onde nosso amor nasceu. Automóveis de luxo. Caminhões e aviões. Jumento carregando água. Pregões. Ônibus repletos, businando. Guardas apitando, reclamando e multando. (MIRANDA; GIRÃO, 1954: 65-66)

Em suma, as memórias trazidas até nós pelos cronistas nos evidenciam uma cidade onde um imaginário moderno (Fortaleza metrópole) coexistia como um imaginário não tão moderno assim (Fortaleza provinciana). Mas o que cabe aqui ressaltar, como um fechamento

deste artigo, mas que de fato é o ponto primordial da pesquisa que desenvolvo no mestrado, é a configuração de um imaginário que, consistindo em perceber a cidade de Fortaleza como um lugar no tempo, mas também um tempo no espaço, tem na memória de um “espírito da época” sua condição deslocável, móvel e crente nos possíveis, como nos lembra Certeau. E como nos faz lembrar um dos cronistas aos quais recorremos, Otacílio Colares:

O trabalho do cronista, muita vez, em certas retrospectivas que promove, não tem outro sentido que não o de tornar de novo conhecidos fatos e gente que, com o passar do tempo, se vão perdendo, juntamente com os ossos dos que por derradeiro os ouviram relatados dos maiores. (COLARES, 1980: 13)

Referências bibliográficas

- ADERALDO, Mozart Soriano. *História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1974.
- ALENCAR, Edigar de. *Fortaleza de ontem e anteontem*. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- COLARES, Otacílio. *Crônicas da Fortaleza e do Siará Grande*. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- JOB, Daniel Carneiro. *Praça do Ferreira: o inédito, o sério e o pitoresco*. 2. ed. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo, 1992.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LOPES, Marciano. *Royal Briar: Fortaleza dos anos 40*. 3. ed. Fortaleza: Tipoprogresso, 1989.
- MIRANDA, Ubatuba de; GIRÃO, Raimundo. *Retrato de Fortaleza*. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1954.
- NOGUEIRA, João. *Fortaleza Velha: crônicas*. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC / PMF, 1981.
- NOGUEIRA, Paulino. Um epitaphio na calçada. In: *Almanaque do Ceará para o ano de 1900*. Fortaleza: [s.n.], 1900.
- PESAVENTO, Sandra. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). *Anos 90*, Porto Alegre, n. 4, dez. 1995.
- PESAVENTO, Sandra. Crônica: a leitura sensível do tempo. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 7, jul. 1997.
- PESAVENTO, Sandra. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. v. 27, n. 53, 2007.
- TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.